

Plano agrícola e ataques à venda da Telebrás

O candidato da coligação União do Povo - Muda Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), acusou ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso de desenvolver um projeto de "modernidade" que tem por objetivo "atender os interesses de nossos algozes, os países ricos". "A modernidade deles é vender a Telebrás, que vale R\$ 40 bilhões, por R\$ 13 bilhões. A modernidade deles é subsidiar montadoras, a Renault, a Ford e a GM, no Paraná e Rio Grande do Sul. Nossa modernidade é uma

coisa mais simples, mais nossa, mais verde-amarela", discursou o petista, durante a inauguração de seu comitê de campanha em Brasília, na qual a coligação lançou diretrizes para a agricultura.

"A modernidade deles é vender tudo antes das eleições e, depois das eleições, vender a alma ao diabo, coisa que jamais faremos", prosseguiu. Em entrevista após o discurso, Lula procurou eliminar a impressão de que tenha preconceitos em relação ao capital estrangeiro. Fez, contudo, uma distinção

entre os capitais especulativo e produtivo. "O capital estrangeiro é tão importante que nós vamos atrás dele. Não oferecendo juros, mas oferecendo a produção industrial e agrícola", afirmou.

Contrapondo ao conceito atribuído à modernidade de Fernando Henrique, Lula apresentou seu projeto de modernidade: "É garantir a todos os brasileiros que precisam um pedaço de terra para plantar; garantir que todas as pessoas tomem café da manhã, almoço e jantar todos os dias. Nossa

modernidade é ter na agricultura um dos pilares do desenvolvimento e da geração de empregos".

Entre as diretrizes anunciadas estão o assentamento de um milhão de sem-terras, expansão em 1,5 milhão de hectares o perímetro irrigado no Nordeste e proteção à agricultura nacional da "concorrência internacional desleal". Falando a integrantes do movimento "Grito da Terra", Lula prometeu interromper importações de milho, arroz e feijão.

(L.E.L.)